

Ativismos e usos de TICs por mulheres migrantes latino-americanas: o caso do coletivo Equipe de Base Warmis¹

Natália Ledur Alles²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP

Denise Cogo³

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP

Resumo

Considerando a pouca atenção dedicada à perspectiva comunicacional nas pesquisas sobre gênero e migração transnacional contemporânea, esse artigo propõe reflexões sobre as experiências de ativismo e os usos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) realizado pela equipe de base Warmis – Convergência das Culturas, coletivo formado por mulheres imigrantes oriundas de distintos países da América Latina que vivem na cidade de São Paulo. Através de entrevista com uma das fundadoras do coletivo, realizada durante estágio pós-doutoral ainda em andamento, do acompanhamento de atividades por elas promovidas e da observação do que é produzido e colocado em circulação em espaços comunicacionais do grupo, percebe-se que os usos das TICs possuem destaque para a conservação da memória e em seus activismos relacionados às lutas por visibilidade e para a percepção das mulheres migrantes como sujeitos políticos.

Palavras -chave

migração; TICs; gênero; cidadania; ativismo.

1. Introdução: migrações femininas na contemporaneidade⁴

No mundo contemporâneo, as migrações são um fenômeno de grande relevância que, conforme explicita Blanco (2006), vem crescendo devido a fatores como as desigualdades econômicas entre regiões, as transformações dos meios de comunicação e de transporte, o reconhecimento do direito de reagru-

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã - O direito à comunicação na luta por uma cidadania ativa, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, Minas Gerais, de 25 a 27 de outubro de 2017.

² Bolsista CNPq de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP. Integrante do Grupo de Pesquisa Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo E-mail: natalia.alles@gmail.com

³ Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP, onde coordena o Grupo de Pesquisa Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo. Pesquisadora nível 1D do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) E-mail: denisecogo2@gmail.coN

⁴ O trabalho traz os resultados parciais de pesquisa de pós-doutorado em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP com apoio do CNPq.

pamento familiar dos migrantes e os conflitos mundiais que obrigam os sujeitos à mobilidade, entre outros. A intensificação dos movimentos migratórios tem sido acompanhada também de uma ampliação no número de mulheres que migram, gerando uma “feminização” da migração. Dados da ONU de 2013 apontam que, dentre os 232 milhões de imigrantes internacionais registrados naquele ano, 48% eram mulheres – número que sobe para 51,6% na América Latina e no Caribe (MARINUCCI, MILESI, 2016). Conforme explicam Roberto Marinucci e Rosita Milesi (2016), o termo feminização das migrações costuma ser utilizado para se referir a três fenômenos distintos: o aumento do número de mulheres migrantes, a maior visibilidade alcançada pela migração feminina e a mudança de perfil das mulheres que migram.

Como salienta Gláucia Assis (2007), embora migrem majoritariamente em grupos familiares, as mulheres também migram sozinhas, por distintos motivos, buscando autonomia, novas oportunidades ou fugindo de situações de violência ou discriminação. É sobre essa mudança de perfil que comentam Marinucci e Milesi (2016, s/p):

Se, no passado, mães, filhas ou irmãs costumavam acompanhar ou se reunir aos homens que viajavam para o exterior e lá permaneciam, hoje, cresce cada vez mais o número de mulheres com um projeto migratório individual, que se deslocam por razões de trabalho, não raramente como principais provedoras do lar. Essa nova tipologia de migração feminina, por vezes, é consequência da emancipação alcançada pelas mulheres nas últimas décadas; já em outros casos, o deslocamento geográfico visa, justamente, essa emancipação. A migração, portanto, pode ser sinal ou instrumento de empoderamento por parte da mulher. Mas nem sempre isso é verdadeiro. Com frequência, as mulheres, embora migrem sozinhas, carregam um projeto migratório familiar: elas devem sustentar os familiares com suas remessas.

Apesar desse contexto, dos projetos individuais e coletivos ou do protagonismo feminino no sustento de suas famílias, a migração segue sendo frequentemente abordada como questão masculina, da qual as mulheres participam como coadjuvantes, acompanhantes ou subordinadas ao universo dos homens (ALENCAR-RODRIGUES, STREY & ESPINOSA, 2009). Além disso, Carmen Gregorio Gil (2009) observa que as mulheres migrantes, especialmente as oriundas de países pobres, são frequentemente representadas como uma categoria homogênea, vítimas passivas da miséria e de suas sociedades patriarcais. Segundo a autora, a mulher migrante é construída como “outra” que é estigmatizada a partir da ideia de “constante gravidez”, discriminada por sua religião ou considerada como coadjuvante nos processos de migração de seus esposos ou familiares. Também nesse sentido, Guizardi, López, Nazal e Valdebenito (2017) considera que as mulheres migrantes sofrem o atravessamento de distintos elementos de marginalização – a partir da noção de interseccionalidade⁵ –, de modo que vivem processos de condensação das desigualdades sociais.

⁵ A noção de interseccionalidade busca contemplar, como pontuam Adriana Piscitelli (2008) e Avtar Brah (2006), as múltiplas desigualdades e diferenças que afetam os modos como os sujeitos se posicionam e são posicionados na sociedade, visto que, dentro das estruturas de relações sociais, as mulheres não existem somente como mulheres, mas, no caso aqui analisado, como mulheres migrantes, latino-americanas, sendo muitas delas indígenas, oriundas de países economicamente desfavorecidos, etc. Busca-se, portanto, pensar as desigualdades de gênero em sua articulação e interconexão com outras categorias, fugindo de um olhar essencialista.

Assim sendo, observa-se que as questões de gênero atravessam o movimento migratório e, juntamente com outras categorias, como classe, geração e raça, configuram as oportunidades das mulheres e dos homens migrantes (ASSIS, 2007) e influenciam em suas trajetórias e modos de inserção nos contextos de imigração. Isso pode ser percebido nas diferentes funções exercidas por esses sujeitos, visto que, por exemplo, é comum que sejam reservados às mulheres os trabalhos domésticos e de cuidados ou aqueles relacionados ao mercado do sexo. Por isso, a ideia de que o binarismo masculino-feminino estabeleceria lugares fixos e naturais para cada gênero (LOURO, 2011), desconsiderando singularidades e complexidades dos sujeitos, contribui para a reflexão sobre os objetivos e particularidades das mulheres nos processos migratórios, bem como para pensarmos nas possibilidades de mobilização, ativismo e nas dinâmicas de visibilidade desses sujeitos e coletivos nos países de destino. Segundo Gregorio Gil (2009), as migrantes raramente são pensadas como agentes, mesmo que venham assumindo lugares de protagonismo no espaço público, e, como demonstram Marinucci e Milesi (2016), se organizando em associações com o intuito de reivindicar direitos e ampliação da cidadania para si mesmas e para outros sujeitos e setores sociais que se encontram em situação de vulnerabilidade. Para os autores, é relevante destacar a criação de associações e organizações pelas próprias mulheres migrantes, e não apenas destacar as que são destinadas a essas mulheres. Tal distinção é necessária para evidenciar o papel ativo das migrantes em ações políticas e iniciativas ativistas, mesmo que, em alguns casos, contem também com o apoio de mulheres não migrantes.

Ao pensarmos nas abordagens comunicacionais sobre a questão migratória no Brasil, tanto em âmbito midiático quanto acadêmico, observa-se que também no Brasil as mulheres migrantes são frequentemente invisibilizadas, especialmente quando se trata de suas experiências políticas e ativistas. Assim, considerando a importância de dedicar atenção às questões de gênero nas reflexões sobre as migrações transnacionais contemporâneas, tomando as particularidades que existem nos processos migratórios e de inserção das mulheres em seus países de destino, busca-se no presente trabalho apresentar as estratégias de ativismo e mobilização por cidadania do coletivo de mulheres Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas, formado por imigrantes oriundas de distintos países da América Latina, destacando os usos que elas fazem das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nesses processos.

A análise proposta é desenvolvida a partir de procedimentos metodológicos que combinam a realização de uma entrevista em profundidade com a fundadora e integrante da Equipe de Base Warmis, Jobana Moya⁶; a observação de atividades presenciais realizadas pelo coletivo; o acompanhamento e coleta de materiais nos espaços digitais da internet mantidos pelo grupo, como site, blog, Instagram, Facebook, Youtube e Twitter.

⁶ A entrevistada concedeu às autoras autorização para o uso dos dados de sua entrevista e dos materiais produzidos pelo coletivo.

2. A experiência da Equipe de Base Warmis

A Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas surgiu em 2013, por iniciativa da boliviana Jobana Moya e da chilena Andrea Carabantes Soto,⁷ ambas militantes do Movimento Humanista – movimento que se define como corrente de opinião que trabalha para resolver os grandes problemas do mundo baseado nos pilares da não violência, da não discriminação e do ser humano como valor central.⁸ Fundado a partir dessas premissas, o coletivo Equipe de base Warmis adota como princípio o desenvolvimento de atividades na comunidade visando à melhoria de vida das mulheres migrantes. De acordo com a missão oficial descrita no site do coletivo, a Warmis – palavra que significa mulheres em quéchua – busca:

[...] facilitar e estimular o diálogo entre as culturas, denunciar e lutar contra toda forma de discriminação e todo tipo de violência através da promoção e a proteção dos Direitos Humanos, o apoio à integração social e comunitária, a promoção da interculturalidade na vida social, a promoção da Metodologia da Não Violência Ativa promovendo ações para orientar mudanças positivas nos indivíduos e na sociedade.⁹

Participam do coletivo mulheres nascidas em países da América Latina, como Costa Rica, Chile, Bolívia, Peru e Argentina, mas o grupo não é fechado à participação de pessoas de outras origens. Dentre as atuais integrantes, estão uma estadunidense e um brasileiro, único homem. Semanalmente, o grupo se reúne para debates e para atividades de formação das integrantes, que também participam como palestrantes, expositoras ou debatedoras dos eventos realizados em São Paulo. As intervenções das quais tomam parte focam na questão migratória, mas abrangem também temáticas que de interesse mais amplo da população local, como saúde, educação e políticas públicas.

De acordo com Jobana,¹⁰ o coletivo surgiu com as ideias da não violência ativa, da não discriminação e da transformação pessoal e social simultânea, e iniciou focado no tema da saúde e da violência obstétrica, a partir de experiências pessoais e do acompanhamento da realidade das gestantes e parturientes no Brasil. A decisão de fazer um recorte de gênero e focar nas mulheres e nas questões relacionadas ao feminino se deu com o objetivo de permitir às mulheres um espaço de fala que usualmente não lhes era concedido em outros grupos de migrantes. Explica:

[...] começamos a ver que tinha muita discriminação, problemas em acesso à saúde, tinha associações, coletivos mistos, pero así, só de mulheres, não. E aí falamos, então vamos a fazer só de mulheres, porque tínhamos a experiência de que, em espaços mistos, las mujeres difícilmente podem falar, sempre são interrompidas, normalmente. Então na comunidade migrante é um pouco forte também isso. E pensamos em algo de gênero precisamente para ter um espaço nosso, onde las mujeres pudieran falar, porque además las imi-

⁷ Jobana vive no Brasil desde 2007. Andrea, desde 2009.

⁸ Conforme página do Movimento Humanista – Internacional. Disponível em: <http://www.movimentohumanista.org/>

⁹ Disponível em: <http://www.warmis.org/quem-somos.html>. Acesso em 24 de agosto de 2017.

¹⁰ MOYA, Jobana. Depoimento [25 de maio. 2017]. Entrevista concedida a Natália Ledur Alles.

grantes, por la situación en la que ellas viven, elas não, é difícil que elas contem o que acontece em qualquer espacio.¹¹

Tal fala reforça a percepção de Cogo (2015), que destaca que comumente as mulheres migrantes enfrentam dificuldades e limitações para participar de atividades e mobilizações referentes aos temas de seus interesses, seja por questões culturais e políticas, seja por uma frequente restrição feminina ao ambiente doméstico.

Em parceria com o Centro Cultural São Paulo, a Warmis propõe todas as quintas-feiras diferentes atividades na sede do centro, que incluem debates, oficinas de bordado e de confecção de tullmas¹² (também denominados por elas como pompons andinos), workshops de dança, dentre outros, focando especialmente no compartilhamento de elementos da cultura das migrantes. Mantém ainda o grupo musical Lakitas Simchi Warmis,¹³ que retoma o estilo musical lakita, característico dos povos andinos. Somente mulheres migrantes e filhas de migrantes podem participar das Lakitas, e o grupo busca visibilizar a presença dessas mulheres na cidade de São Paulo, bem como difundir suas produções culturais. Conforme a descrição oficial, considerando que são poucas as possibilidades existentes para que as mulheres migrantes expressem seu protagonismo cultural, o grupo “visa resgatar, estimular e visibilizar a manifestação desses mundos culturais por meio da formação e valorização de expressões de música de referência tradicional”.¹⁴ Tanto as oficinas como as apresentações das Lakitas, de acordo com Jobana, têm como objetivo ocupar o espaço público, “para que enxerguem as mulheres imigrantes também como produtoras de cultura, que também temos uma cultura que podemos expressar. Porque se você vai ver os grupos culturais imigrantes, em geral são homens que tocam, as mulheres dançam”.¹⁵ Segundo ela, a presença das migrantes nos espaços de cultura é importante para que o restante da população as enxergue no espaço da cidade e perceba sua existência como agentes de transformação.

Nesse sentido, destaca-se o posicionamento político atrelado às atividades do coletivo Warmis e do grupo das Lakitas. Elas buscam sensibilizar e mobilizar para temáticas de gênero articuladas a questões identitárias, focando principalmente na comunidade andina. Jobana observa que essa comunidade possui uma imigração feminina oriunda sobretudo de áreas rurais e que, por isso, enfrenta, na cidade de São Paulo, maior violência obstétrica, piores condições de trabalho e menos acesso a direitos. Assim, a Warmis estimula que as mulheres não tenham vergonha de suas origens, traços e experiências culturais, que possam preservar e transmitir sua bagagem cultural aos filhos ou, ainda, que se sintam aptas a se po-

¹¹ Na transcrição das entrevistas, respeitamos o modo de expressão linguística de cada entrevistada.

¹² Exemplo de divulgação da oficina de tullmas disponível em

<https://www.facebook.com/EquipeDeBaseWarmisConvergenciaDasCulturas/photos/a.209685699192480.1073741827.187900604704323/784493385045039/?type=3>

¹³ Simchi Warmis significa “mulheres fortes” em quéchua e aymara.

¹⁴ Disponível em: <http://www.sinchiwarmis.com.br/o-projeto.html>. Acesso em 25 de agosto de 2017.

¹⁵ MOYA, Jobana. Depoimento [25 de maio. 2017]. Entrevista concedida a Natália Ledur Alles.

sicionarem em conflitos interculturais como, por exemplo, naqueles casos em que algumas escolas de São Paulo orientam as mães a não falar espanhol com as crianças. É, portanto, através da realização de atividades culturais e da ocupação de espaços na cidade, que as ativistas acreditam ser possível conscientizar e sensibilizar a população de São Paulo, criando empatia com os sujeitos migrantes para a discussão de questões políticas e estruturais.

Tais posicionamentos remetem às reflexões de Delia Dutra, Tuíla Botega e Terezinha Santin (2014), quando apontam para as ressignificações das culturas de origem por parte das mulheres nos processos migratórios, considerando as novas vivências e contextos em que se encontram. Para as autoras, a migração as leva a pensar, de modo distinto, sobre suas vidas, mantendo seus valores de origem e desenvolvendo estratégias de resistência e sobrevivência, como no caso aqui apresentado, ou seja, o da associação entre mulheres que vivenciam situações semelhantes enquanto migrantes para a proposição de debates e ocupação de espaços na cidade de São Paulo. A partir disso, considerando as diversas atividades promovidas pelas mulheres da Warmis, buscamos perceber os usos que fazem das TICs em seus processos de ativismos.

3. Mulheres migrantes, ativismos e usos de TICs

Pensando nos usos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) pelas migrantes, acredita-se que a internet vem sendo “utilizada como um espaço de reordenamento de experiências e práticas sociais e subjetivas dos imigrantes e comunidades diaspóricas” (ELHAJJI, ESCUDERO, 2015, p. 2). As TICs possibilitam usos plurais e são empregadas pelos migrantes para o planejamento dos projetos migratórios, a comunicação e a manutenção dos laços com familiares e amigos e em seu país de origem ou em outros lugares do mundo; para o consumo de informações e de produtos comunicacionais oriundos de seus locais de origem; para a obtenção de informações sobre os contextos para onde migram e sobre os processos relacionados à regularização e direitos migratórios, assim como para a constituição de processos de mobilização tanto em âmbito local quanto global. Nessa perspectiva, portanto, Cogo (2015) concebe os usos e o consumo das tecnologias digitais – principalmente da internet – como dimensão constitutiva das mobilizações e dos ativismos político, econômico, comunicativo dos migrantes.

Para além das grandes organizações midiáticas, Cogo (2010) compreende que apropriações e usos das tecnologias da comunicação abrem possibilidades para que indivíduos e grupos construam práticas de comunicação para o exercício da cidadania ou se insiram em projetos já existentes, “visando a diferentes agendas de transformação social e/ou de democratização dos processos de comunicação” (pp. 82 e 83). Para muitas redes de migrantes, a comunicação se constitui como ponto estratégico para elaboração e distribuição de outras imagens e memórias sobre as migrações contemporâneas que se contrapõem aos discursos midiáticos hegemônicos que, frequentemente, criminalizam ou estigmatizam os migrantes, ao fo-

calizarem a mobilidade humana como problema, conflito ou ilegalidade. Entendemos que os usos das TICs ampliam para os migrantes as possibilidades de cidadania comunicativa, que, para Maria Cristina Mata (2006), remete ao reconhecimento como sujeitos de direito e de demanda no âmbito da comunicação. Segundo a autora,

o exercício da cidadania comunicativa se torna imprescindível para a existência de uma sociedade de cidadãos. Se não existem possibilidades de exercer esse conjunto de direitos e práticas expressivas, ficam debilitadas as capacidades e possibilidades dos indivíduos para que se constituam como sujeitos de demanda e proposição em múltiplas esferas da realidade, pois a produção dessas demandas e proposições é impensável sem o exercício autônomo do direito a comunicar, ou seja, a pôr em comum (MATA, 2006, p.14).¹⁶

Conforme Ilse Scherer-Warren (2013), a articulação das redes presenciais – organizações e movimentos – com redes virtuais possibilita o que ela chama de “empoderamento” através das redes, aumentando a visibilidade das demandas dos movimentos, vinculando militantes e indivíduos que são somente simpatizantes da causa e ampliando a base de apoio das organizações. De acordo com a autora, tal articulação pode agregar o local, o nacional e o global, levando organizações locais a se unirem a redes transnacionais e aproximando indivíduos de distintos países que desenvolvem projetos para um futuro emancipatório.

No caso da Equipe de Base Warmis, o uso das TICs se constitui atualmente como fundamental para a organização, divulgação e visibilidade das atividades que promovem e das demandas que pretendem articular e compartilhar, bem como para a construção da memória os processos de mobilização das mulheres migrantes. A Warmis divulga suas atividades a partir de página própria no Facebook,¹⁷ perfis no Instagram¹⁸ e no Twitter¹⁹ e canal no Youtube,²⁰ sendo a responsabilidade de publicação de conteúdos nesses espaços dividida entre algumas das integrantes do grupo. Abaixo, segue imagem utilizada no Facebook do coletivo para divulgação de uma das atividades realizadas no Centro Cultural São Paulo:²¹

Imagem 1: Convite no Facebook para oficina de dança promovida pela Equipe de Base Warmis

¹⁶ Tradução nossa. No original: el ejercicio de la “ciudadanía comunicativa” se vuelve imprescindible para la existencia de una sociedad de ciudadanos. Si no existen posibilidades de ejercer ese conjunto de derechos y prácticas expresivas, se debilitan las capacidades y posibilidades de los individuos para constituirse como sujetos de demanda y proposición en múltiples esferas de la realidad, toda vez que la producción de esas demandas y proposiciones resulta impensable sin el ejercicio autónomo del derecho a comunicar, es decir, a poner en común (MATA, 2006, p.14).

¹⁷ <https://www.facebook.com/EquipeDeBaseWarmisConvergenciaDasCulturas/>

¹⁸ <https://www.instagram.com/warmisimigrantes/>

¹⁹ <https://twitter.com/basewarmis>

²⁰ <https://www.youtube.com/channel/UCiqS-0Vy0R4VC7m3-UrJ3kA>

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/EquipeDeBaseWarmisConvergenciaDasCulturas/photos/pb.187900604704323.-2207520000.1505418197./793337044160673/?type=3&theater>



Fonte: Página do Facebook da Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas

A página do coletivo no Facebook não é utilizada somente para a divulgação de eventos por elas promovidos ou de atividades das quais participam, mas também para divulgar notícias de outras fontes que consideram relevantes, como, por exemplo, notícia publicada pelo portal Brasil de Fato sobre os reflexos das ações da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah)²²; compartilhar informações e campanhas propagadas por outras instituições, como uma publicação sobre violência obstétrica produzida pelo Ministério da Saúde; ou, ainda, lembrar datas consideradas importantes pelo coletivo, como o Dia Internacional da Mulher Indígena, celebrado em 05 de setembro.

²² A matéria possui como título “Violaciones, cólera y 30 mil muertos: conozca el legado de la Minustah en Haití”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/09/04/violaciones-colera-y-30-mil-muertos-conozca-el-legado-de-la-minustah-en-haiti/>. Acesso em 14 de setembro de 2017.

Imagem 2: Publicação compartilhada pela Equipe de Base Warmis por ocasião do Dia Internacional da Mulher Indígena



Fonte: Página do Facebook da Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas

O coletivo mantém um site em que apresenta os projetos que desenvolve e disponibiliza materiais traduzidos sobre direitos das imigrantes, como o texto produzido pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo e pela ONG Artemis sobre violência obstétrica. As integrantes da Warmis mantêm ainda um blog que pode ser acessado através do site, em que compartilham informações sobre suas participações nas atividades e publicam textos sobre suas experiências como migrantes. Embora apresente cunho mais pessoal, o blog reúne reflexões políticas sobre as vivências cotidianas e dificuldades encontradas pelas mulheres migrantes no país de acolhida. Como exemplo, citamos texto em que a participante Jobana relata as dificuldades enfrentadas para participar de alguns eventos e congressos, pois não possuem todos os documentos exigidos por determinadas instituições e não conseguem atender a todas as demandas burocráticas. Nesse relato, a autora afirma que, como migrante e ativista, muitas vezes se sente desvalorizada e invisível até mesmo em atividades que se definem como inclusivas. A autora do texto questiona: “Nossa trajetória, todo o que fazemos como ativistas de forma gratuita não nos dá elementos suficientes para ser valorizados e poder colocar o que pensamos nas mesas de debate? Incomoda tanto assim o que expressamos?” (MOYA, 2015).

Em outro texto, Sam Serrano, a participante estadunidense do coletivo Warmis, reflete acerca de seus privilégios frente a outras migrantes com as quais convive, posto que se encontra em uma condição de estudante de pós-graduação, branca, cidadã oriunda de um país rico e falante nativa de língua inglesa. Ela afirma:

[...] minha experiência como imigrante não é padrão. Eu sou imigrante, mas eu sou privilegiada. Na realidade, eu tenho mais privilegio do que muitos brasileiros aqui. Eu sou privilegiada por ser Estado Unidense, branca, heterossexual, cisgênero, da classe média, com alto nível de educação e por falar inglês como língua nativa. Meus privilégios não devem ser privilégios. Respeito e dignidade não devem ser condicional de onde você é, a cor da sua pele ou por qualquer outra questão de identidade. Todo mundo deve ter moradia, comida, acesso a cuidados em saúde, educação e o direito de atravessar fronteiras pacificamente. Seria fácil dizer que eu tenho sorte por ter esses privilégios. Mas meus privilégios não vêm da sorte. Vêm de racismo, xenofobia, classismo e um sistema que sistematicamente afirma que as pessoas brancas, europeias, estado unidenses e tal são melhores, mais civilizadas, mais lindas, mais inteligentes e que só vão melhorar o país (ainda que muitas vezes são os países que mais aproveitam dos recursos naturais e trabalho mental e físico dos brasileiros e criam e apoiam os negócios mais exploradores no país) (SERRANO, 2017)²³.

Imagem 3 – Blog da Equipe de Base Warmis com relato de uma das participantes



Fonte: www.warmismulheresbolivianas.com.br/blog

Tanto o blog como o site do coletivo possuem como objetivo difundir referências relevantes e compartilhar conhecimentos que podem auxiliar outras migrantes, pois, como salienta Jobana,²⁴ o acesso às informações segue sendo problemático para muitos migrantes que, por não estarem cientes de seus direitos, enfrentam situações de abuso, preconceito e xenofobia. Para facilitar a compreensão por parte do público alvo, que é predominantemente composto por mulheres oriundas de regiões pobres da América Latina, com pouca escolaridade, as traduções para espanhol e inglês buscam utilizar imagens e uma linguagem acessível e direta, evitando o uso de termos jurídicos que dificultam o entendimento de quem está aprendendo a língua portuguesa. A Warmis também elaborou um material explicativo sobre o parto andi-

²³ Disponível em: <http://www.warmismulheresbolivianas.com.br/blog/mulheres-imigrantes-privilegios-e-solidaridade/>. Acesso em 13 de setembro de 2017.

²⁴ MOYA, Jobana. Depoimento [25 de maio. 2017]. Entrevista concedida a Natália Ledur Alles.

no, distribuído a hospitais de São Paulo, que ressalta a importância do respeito à diversidade cultural e da incorporação da ideia de interculturalidade às políticas públicas destinadas às migrantes.

Para possibilitar que brasileiros e brasileiras aprendam mais sobre o que é ser migrante, o coletivo produziu em 2016 a série em vídeo “Brasil, terra estrangeira: um diário das imigrantes”, disponibilizada no canal do Youtube. Na série, as mulheres relatam suas experiências como migrantes no que se refere às diferenças linguísticas, alimentares e de costumes que encontraram ao chegar ao país. Os vídeos possuem o intuito de mostrar as distinções existentes entre as culturas e as formas encontradas para lidar com tais diferenças em suas vivências no Brasil. No vídeo intitulado Costumes, ao ser questionada sobre o que considera mais estranho no país, a integrante chilena Mariela comenta: “Eu acho mais estranho aqui é um pouco a desigualdade assim, como que tem muitas coisas por exemplo na Paulista, que é muito chique, mas tem muito morador de rua, é essa contradição, a desigualdade, acho que é isso”. Por sua vez, Andrea relata que seu primeiro estranhamento na cidade de São Paulo foi com o transporte público: “Foi o primeiro choque de perceber que era normal ter muita gente nos espaços, isso me chocou. [...] É muito grande, e o pessoal acha normal viajar duas horas e depois voltar duas horas no mesmo dia. Isso era estranho”.

De acordo com Jobana, a visibilidade alcançada pelo compartilhamento e circulação das atividades das mulheres migrantes através do site do coletivo, do blog e das redes sociais permite que sejam conhecidas e reconhecidas como moradoras de São Paulo, percebidas como sujeitos que ocupam a cidade e participam de suas dinâmicas, modificando representações vitimizantes sobre as migrantes. A ativista aponta que a utilização da internet e das redes sociais se deu com o intuito de tornar mais visível o trabalho que desenvolvem e as inúmeras instâncias sociais nas quais participavam. Conforme Jobana, era importante “empezar a registrar, porque todas as rodas, eventos que íamos, se falava dos migrantes como los coitados que não fazíamos nada, quando en realidad fazíamos muito e sólo se sabia dentro da comunidade, pelas rádios comunitárias, que nessa etapa foram muito abertas conosco”.

Tornar visíveis ações e acontecimentos a partir das possibilidades de visibilidade mediada pelas TICs, como defende Thompson (2008), é estratégia importante no enfrentamento de lutas cotidianas e, no caso da Warmis, na construção de espaços de interação, visibilidade e memória em torno das demandas cidadãs e mobilizações de migrantes em São Paulo. Antes da criação da Equipe de Base Warmis, Jobana recorda da ausência de registros sobre a presença e trajetória, na cidade, de diversas mulheres latino-americanas que desenvolveram trabalhos relevantes para a comunidade migrante e não migrante. As próprias migrantes possuem dificuldades para conhecer o que já foi feito, as lutas que já foram ou estão sendo travadas, de modo que, para as integrantes do coletivo, os registros são considerados fundamentais, “senão é como se a história novamente comece”.²⁵ Atualmente, a partir da divulgação que as TICs permitem fazer das oficinas no Centro Cultural São Paulo e das apresentações das Lakitas, o coletivo Warmis busca am-

²⁵ MOYA, Jobana. Depoimento [25 de maio. 2017]. Entrevista concedida a Natália Ledur Alles.

pliar e mobilizar novos públicos, incluindo os não migrantes. Como exemplo, Jobana cita uma oficina de bordado com temática andina que foi anunciada na internet e compartilhada entre grupos de bordado, levando mais de quarenta mulheres a comparecerem à atividade. Essa interação é considerada relevante para as integrantes da Warmis que, embora reconheçam que a participação na oficina tenha sido motivado fundamentalmente pelos bordados, consideram que o evento acabou permitindo dar visibilidade à existência de tal coletivo de mulheres migrantes na cidade de São Paulo. “Todo mundo saiu assim sabendo que haviam imigrantes e que faziam algo mais do que ser apenas pobres coitados”, destaca Jobana.

4. Considerações:

Na perspectiva defendida por Amarela Varela Huerta (2013), entendemos que os movimentos sociais formados por migrantes constroem novas formas de cidadania, relações e modos de viver transculturais, mesmo naqueles casos em seus integrantes não sejam reconhecidos como sujeitos políticos e de direitos. A partir da atuação das mulheres da Warmis, pode-se refletir sobre o ativismo de migrantes como questionador de abordagens reducionistas, constituindo-se como “atos de visibilidade, afirmações de presença, irrupções na esfera pública de seres humanos que se autorreconhecem como sujeitos políticos” (MARINUCCI, 2016, p. 7). As diversas atividades desenvolvidas regularmente na cidade de São Paulo, pela Equipe de Base Warmis, seja no âmbito cultural ou político, evidenciam que também as mulheres imigrantes são agentes, sujeitas históricas e particulares que possuem voz própria (Gregorio Gil, 2009) e que mobilizam e articulam outros sujeitos na batalha pela ampliação da cidadania própria e de outros. As apropriações e usos que as integrantes da Warmis fazem das TICs assume uma dimensão estratégica tendo em vista que as próprias integrantes percebem que as tecnologias da comunicação permitem ampliar, mobilizar, articular e dar visibilidade local, nacional e transnacional aos seus agenciamentos e lutas específicas.

5. Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, vol. 15, n. 3, pp. 745-772, set./dez. 2007.

BLANCO, Cristina. **Migraciones: Nuevas movilidades en un mundo en movimiento**. Barcelona: Anthropos, 2006.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, pp. 329-376, 2006.

COGO, Denise. A comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. **Revista Intercom**, v. 33, n. 1, pp. 81-103, jan./jun, 2010.

_____. **Projeto de pesquisa Comunicação, consumo e cidadania das migrações transnacionais – Ativismos e usos da internet por haitianos e haitianas no Brasil**. São Paulo: CNPq, 2015.

DUTRA, Delia. **Migração internacional e trabalho doméstico – Mulheres peruanas em Brasília**. São Paulo: OJM & CSEM, 2013.

DUTRA, Delia; BOTEGA, Tuíla; SANTIN, Terezinha. Introdução. In: **CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Mulher migrante: agente de resistência e transformação**. Brasília: CSEM, 2014.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva. **Anais do 24º Encontro Nacional da Compós**, Brasília, 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015_autores_2759.pdf. Acesso em: 10 set. 2017.

GREGORIO GIL, Carmen. Mujeres inmigrantes: colonizando sus cuerpos mediante fronteras procreativas, étnico-culturales, sexuales y reproductivas. **Viento Sur**, n. 104, pp. 42-54, jul. 2009.

GUIZARDI, Menara; LÓPEZ, Eleonora; NAZAL, Esteban; VALDEBENITO, Felipe. Fronteras, Género y Patriarcado. Discusiones teóricas para replantear el transnacionalismo migrante. **Límite – Revista Interdisciplinaria de Filosofía y Psicología**, v. 12, n. 38, pp. 22-38, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. Mulheres migrantes e refugiadas a serviço do desenvolvimento humano dos outros. 2016. Disponível em <http://www.migrante.org.br/index.php/migrantes2/321-artigo-mulheres-migrantes-e-refugiadas-a-servico-do-desenvolvimento-humano-dos-outros>. Acesso em 24/08/2017.

MARINUCCI, Roberto. Mobilizações de migrantes e refugiados: a luta pela visibilidade e pelo reconhecimento. **REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, ano XXIV, n. 48, pp. 7-10, set./dez. 2016.

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteras – estudos midiáticos**, v. VIII, n.1, pp. 5-15, jan./jul. 2006.

MOYA, Jobana. Imigrantes, as vozes silenciadas. 2015. Disponível em: <http://www.warmismulheresbolivianas.com.br/blog/imigrantes-as-vozes-silenciadas/>. Acesso em 13 de setembro de 2017.

MOYA, Jobana. Depoimento [25 de maio. 2017]. Entrevista concedida a Natália Ledur Alles.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, pp. 263-274, jul./dez.2008.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes e movimentos sociais: projetando o futuro. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 01, n.01, pp. 186-213, jan./jul. 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: IE/UFRGS, v. 15, n. 2, jul./dez. 1990.

SERRANO, Sam. Mulheres imigrantes – privilégios e solidariedade. 2017. Disponível em: <http://www.warmismulheresbolivianas.com.br/blog/mulheres-imigrantes-privilegios-e-solidariedade/>. Acesso em 13 de setembro de 2017.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **Matrizes**, n. 2, pp. 15-38, abr. 2008.

VARELA HUERTA, Amarela. **Por el derecho a permanecer y a pertenecer: una sociología de las luchas migrantes**. Madrid: Traficante de sueños, 2013.

